

A Universidade de Coimbra e a sua Biblioteca: mudança permanente

The University of Coimbra and its Library: constantly changing

João Gouveia Monteiro¹

Escrevo estas linhas ainda sob o impacto da triste notícia do falecimento de um dos grandes músicos portugueses, compositor de canções magníficas que todos conhecemos e que, à sua maneira, foi também um inspirador do movimento social que desaguou no 25 de abril e, depois, na construção de um Portugal melhor, liberto da guerra e da ditadura e pronto para, *tant mal que bien*, construir a sua história em ambiente de liberdade e de paz. Em «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», José Mário Branco (1942-2019) socorreu-se dos belos versos de Camões para nos lembrar que, se «todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades», então «troquemos-lhe as voltas que ainda o dia é uma criança». As instituições, por mais estáveis que sejam (e a Universidade é, porventura, a mais antiga instituição europeia em funcionamento contínuo), tam-

¹ Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Professor Catedrático da Faculdade de Letras – joao.g.monteiro@uc.pt

bém se fazem de conservação e de mudança e é sob este signo que constroem o seu percurso e imprimem a sua pegada nas avenidas da História.

A Universidade de Coimbra, em resultado da mudança da equipa reitoral (em março de 2019) iniciou uma nova fase da sua vida, o que naturalmente implica transformações em todas e em cada uma das suas células, a começar pelas unidades de extensão cultural e apoio à formação, cujas fileiras a Biblioteca Geral se orgulha de integrar. Tendo tomado posse em 18 de julho de 2019, assumi com a Universidade, a quem devo praticamente toda a minha vida profissional, um compromisso que tenciono cumprir com a máxima energia e dedicação que me forem possíveis: contribuir para que a BGUC continue a estar à altura dos seus pergaminhos e prossiga na senda da prestação de um serviço público de grande qualidade, ao mesmo tempo que ajuda a enriquecer a vida cultural da comunidade académica e de toda a região de Coimbra. O desafio é tremendo, tanto mais que os diretores que me antecederam nas últimas quatro décadas (Luís Albuquerque, Aníbal Pinto de Castro, Carlos Fiolhais e José Cardoso Bernardes) colocaram a fasquia de tal maneira alta que se torna difícil aproximar-me sequer do seu desempenho.

A BGUC desenhou para o quadriénio 2019-2023 um programa multifacetado, que aqui resumo e que envolve também o futuro da publicação para a qual escrevo estas linhas, também elas em jeito de mudança. Em primeiro lugar, pretendemos melhorar o nosso serviço público em todas as valências, acolhendo cada vez melhor aqueles que nos procuram (e são muitos!) e respondendo de forma mais eficaz aos seus pedidos, sejam eles de consulta direta do nosso espólio, de informação acerca de obras e manuscritos à nossa guarda, de cedência de livros raros para mostras documentais, ou quaisquer outros. Para tal, é preciso que a BGUC continue a apetrechar-se com equipamento moderno e eficiente (em 2019, a nossa principal aquisição foi um digitalizador de grandes dimensões) e, ao mesmo tempo,

que insista na formação contínua dos seus excelentes profissionais, colocando-os ao nível dos melhores técnicos da Universidade de Coimbra. Não sendo possível, pelo menos nesta fase, alargar o horário de frequência da nossa bela Sala de Leitura, queremos, ainda assim, preservar o ambiente de conforto, de silêncio e de eficácia do serviço que há muito constituem a nossa marca de água. Também aos jovens investigadores que nos procuram regularmente para aceder às dezasseis mesas de trabalho (conhecidas por «boxes»), situadas no anel superior à Sala de Leitura, quero deixar uma palavra de apreço e de incentivo; apoiaremos o seu esforço em tudo o que for possível e razoável, na única condição do cumprimento rigoroso, pelos utentes, do regulamento de utilização desses espaços (mínimo de 50 horas de assiduidade mensal, rotatividade anual), aliás deveras procurados e, por isso, geradores de uma lista de espera permanente.

Há muito que a BGUC vem investindo fortemente na apresentação de exposições que animam e enriquecem diversos lugares à nossa guarda, a começar pela lindíssima Sala de São Pedro (que abriga uma parte importante da nossa coleção de «livro antigo») e a terminar no chamado « piso intermédio » da Biblioteca Joanina, passando pela movimentada Sala do Catálogo, por onde circulam todos os utilizadores da nossa Sala de Leitura. Em 2020, para a Sala de São Pedro, foi concebido um programa expositivo próprio, que se iniciou em meados de janeiro com uma mostra da correspondência trocada (na sua maior parte a partir do exílio em França) entre Jaime Cortesão e o seu irmão Armando; a transcrição paciente e rigorosa destas cartas consta do artigo de A.E. Maia do Amaral (Diretor-Adjunto da BGUC) incluído neste mesmo volume do nosso *Boletim*, pelo que, com facilidade, o leitor poderá apreciar o grande interesse deste espólio, sob diversos pontos de vista (cultural, político, pessoal, entre outros). A BGUC decidiu colaborar também na homenagem dedicada a José Régio, notável intelectual, escritor, ensaísta e impulsionador de projetos relevantes (como a revista literária *Presença*), falecido em Vila do

Conde, a 22 de dezembro de 1969. Em colaboração com a Reitoria da UC, com a Direção da Cultura do Centro e com o Centro de Literatura Portuguesa da FLUC, principais promotores desta merecida evocação, a BGUC preparou para o período compreendido entre 5 de março e 30 de abril de 2020 a exposição «Ousar duvidar. 'Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / - Sei que não vou por aí!'» (José Régio, *Cântico Negro*, versos finais). No segundo semestre de 2020, a Sala de São Pedro acolherá, com a preciosa colaboração do Instituto Confúcio de Coimbra e do Museu de Lu Xun em Pequim, a exposição sobre um dos maiores intelectuais chineses da contemporaneidade: Lu Xun (nascido em 1831, em Shaoxing, e falecido em Shanghai, em 1936), vulto maior da célebre organização de escritores chineses intitulada *Zuolian*, conhecida no Ocidente por «League of Left-Wing Writers». Esta mostra configura mais um passo na paciente e lúcida política de aproximação aos estudos orientais seguida pela Universidade de Coimbra, em especial a partir do vice-reitorado do Doutor Joaquim Ramos de Carvalho (2011-2019). A fundação, em 2018, da Academia Sino-Lusófona da Universidade de Coimbra, liderada pelo Diretor da Faculdade de Direito, Doutor Rui de Figueiredo Marcos, é o exemplo mais recente dessa acertada estratégia, que muito beneficia também da atividade desenvolvida, desde 2017, pelo Instituto Confúcio da UC, em boa parte graças à atividade incansável da sua Diretora, Dra. Cristina Zhou. Por fim, em novembro-dezembro de 2020, a BGUC acolherá uma exposição evocativa da extraordinária viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, que em 1520 logrou encontrar e cruzar com sucesso o braço de mar que une os oceanos Atlântico e Pacífico, abrindo assim uma nova estrada para o conhecimento da Terra e da Humanidade que a povoa.

Uma outra preocupação maior da Direção da BGUC tem sido, desde há muitos anos, a preservação do seu património edificado e bibliográfico. Neste particular, devo destacar o acompanhamento próximo dos esforços que têm sido feitos pela Reitoria da UC no sen-

tido de monitorizar as condições ambientais (temperatura, humidade relativa, poluição) no interior da preciosa Biblioteca Joanina e para encontrar soluções que permitam reequilibrar a relação entre o fluxo turístico e a conservação de uma das mais belas livrarias barrocas do mundo. Durante a 'época alta' (entre 2 de março e 31 de outubro) a Joanina tem perto de 1600 visitantes por dia e encontra-se aberta diariamente, em horário alargado (9h00-19h30), com duas pausas de cerca de vinte minutos para limpeza, uma a meio da manhã e a outra a meio da tarde. Este modelo, em boa parte um efeito do *boom* turístico que se seguiu à classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade (em 2013), não é tranquilizador quanto ao futuro e começa a ser urgente encontrar alternativas para ele. No momento em que escrevo estas linhas, estão já em curso, graças ao empenho do Senhor Vice-Reitor, Doutor Alfredo Dias, estudos para a implementação de um sistema de ventilação mecânica do piso intermédio da Joanina que ajudem a que, no Piso Nobre, a temperatura não exceda os 18 a 20 graus (o máximo que um livro antigo suporta) e que a humidade não ultrapasse o valor recomendado de 55% a 60%. Estão igualmente a ser consideradas alternativas de organização do circuito turístico que permitam evitar a constante abertura da porta principal. Do nosso lado, tudo faremos para ajudar a Reitoria a implementar estas medidas e também a encontrar uma solução que, sem perda significativa de receitas, garanta que a Biblioteca Joanina possa ter períodos maiores de respiração diária e esteja menos sujeita a visitas de grandes contingentes turísticos (na última dúzia de anos, o número limite de visitantes em simultâneo subiu de 30 para 60), protegendo-se assim a «joia da Coroa» e o seu extraordinário património bibliográfico (cerca de 56.000 obras, na sua maioria dos séculos XVI a XVIII). Em todo este processo, que exige uma atenção e um cuidado permanentes, é justo destacar, para além do empenho da Reitoria, a colaboração dos funcionários da BGUC que estão de há muito afeitos à Biblioteca Joanina e que por ela zelam como se da sua casa se

tratasse. Por todos, realço aqui a dedicação de várias décadas da Sra. D. Isabel Cardoso, que toda a Universidade de Coimbra (re)conhece pela qualidade do seu serviço; mas não esqueço também o papel decisivo desempenhado pelo Senhor Jorge Justo, pelo Dr. Carlos Gonçalves (que regularmente reforça aquela estrutura) e ainda pelas Sras. D. Celeste Mateus e D. Lurdes Simões, funcionárias dos SASUC cujo contributo na limpeza do espaço e na conservação das obras antigas que ali se encontram depositadas é absolutamente crucial.

Do ponto de vista do património edificado, acrescento que esperamos, já em 2020 e graças aos esforços da atual equipa reitoral, poder recuperar e reabilitar o átrio de entrada na nossa biblioteca, há mais de dez anos ocupado pelo balcão de Turismo da UC, em claro prejuízo do ambiente de tranquilidade, de conforto e de silêncio da BGUC. Nesse momento, poderemos, em simultâneo, expor pela primeira vez em toda a sua plenitude uma peça preciosa de que dispomos – a máquina de impressão conhecida como «prelo do Galinha» – que em 2019 foi pacientemente estudada e restaurada pelo especialista americano Dr. Robert Oldham, com o acompanhamento próximo do Dr. Maia do Amaral e graças também ao apoio do Diretor do Teatro Académico de Gil Vicente, Doutor Fernando Matos de Oliveira, e do excecional carpinteiro daquela UECAF, Senhor Laurindo. Ao contrário do que se pensava até há poucos meses, este prelo deve ter sido fabricado (talvez em Basileia) no derradeiro quartel do século XVIII (na década de 1780) e constitui um exemplo singular em todo o mundo do aparecimento dos prelos metálicos (e não em madeira, como sucedia desde Guttenberg). Manuel Bernardes Galinha, o famoso autor do portão do Jardim Botânico de Coimbra, terá intervindo nele muito mais tarde (cerca de 1845) e apenas para efeitos de restauro desta extraordinária peça, que Robert Oldham agora redescobriu e restaurou ao ponto de estar em condições de imprimir novos documentos!

Em relação ao património bibliográfico, quero aqui realçar o esforço permanente, a competência e a constante disponibilidade

para novas aprendizagens e formações dos nossos colaboradores da área técnica, superiormente coordenada pela Senhora Dra. Maria de Fátima Moura Carvalho (também autora e co-autora de dois belíssimos artigos incluídos neste *Boletim*). É muito graças aos nossos bibliotecários que a BGUC consegue responder com incrível rapidez e precisão às solicitações que diariamente lhe chegam; e é também graças a eles, assim como aos assistentes técnicos que com eles colaboram, que a BGUC tem conseguido resistir à diminuição gradual do seu quadro de funcionários e ao esgotamento progressivo dos seus depósitos, mantendo a qualidade do serviço público e ‘fazendo mais com menos recursos’. É justo que se diga também que o equilíbrio e boa imagem pública que conservamos se deve em grande medida a uma gestão muito atenta e inteligente do dia-a-dia da Biblioteca, a qual passa sobretudo pela capacidade técnica e pela qualidade humana da nossa Diretora-Adjunta, Senhora Dra. Maria Luísa Sousa Machado. Sem ela, a BGUC não seria aquilo que é, sob todos os pontos de vista, incluindo o da área de referência, leitura e apoio ao utilizador, que a Dra. Luísa, para além da coordenação geral da biblioteca, diretamente controla, com grande proveito de todos.

A BGUC continua a envidar todos os esforços para recolher apoios mecenáticos que permitam intensificar a sua política de recuperação de obras e de manuscritos cuja conservação inspira cuidados. Neste sentido, temos aproveitado a vinda de alguns grupos internacionais a Coimbra para concretizar esta política, paciente mas crucial para a preservação do nosso espólio. Neste âmbito se inclui uma coleção excepcional de manuscritos musicais, uma boa parte deles proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (um centro relevantíssimo de produção de obras musicais, designadamente no século XVII). Em inícios de 2020 começou, numa oficina especializada de Cuenca (Espanha), o restauro dos primeiros seis manuscritos, identificados pelo Doutor Paulo Estudante (Faculdade de Letras) em colaboração com os bibliotecários da BGUC (em especial a Senhora Dra. Isabel Rami-

res, cuja colaboração nestes processos é indispensável, devido à sua grande experiência e competência técnica), contando ainda com o apoio financeiro da Reitoria da UC, através do Senhor Vice-Reitor para a Cultura e a Ciência Aberta, Doutor Delfim Leão. Esperamos que até finais de 2021 seja possível reabilitar 16 códices seiscentistas, que serão depois estudados e, pelo menos em parte, aproveitados em termos de interpretação musical pela escola de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras de Coimbra. Ainda em relação a estas matérias, devo dar conta do esforço que a BGUC está a desenvolver no sentido de ampliar e reequipar a sua Oficina de Conservação e Restauro, situada num piso inferior das nossas instalações. Em parceria com o vizinho Arquivo da UC e graças à estreita colaboração da sua Diretora, Doutora Cristina Freitas, foram feitas diligências junto da Fundação Engenheiro António de Almeida, através do seu Presidente, o Doutor Fernando Aguiar Branco (natural de Coimbra e grande amigo e patrono da nossa universidade, instituição que lhe atribuiu em 2000 a merecida distinção de Doutor *honoris causa*) para captação de financiamento destinado às obras de ampliação e remodelação desta oficina, assim como à aquisição de equipamento moderno e sofisticado que permita operacionalizá-la a curto prazo, para grande benefício da BGUC, do AUC e de toda comunidade (académica e não só).

Encerrando este capítulo das infraestruturas patrimoniais, quero ainda acrescentar que a BGUC (que mantém o estatuto de 'depósito legal') vê com muita apreensão o gradual esgotamento dos seus espaços de armazenamento de livros, revistas e jornais. Neste sentido, graças à preciosa colaboração do Senhor Vice-Reitor, Doutor Alfredo Dias, temos estudado soluções que permitam, através da introdução de mais estantes compactas, alargar a nossa capacidade de depósito e, com isso, adiar a data do esgotamento absoluto. Porém, todos temos consciência de que se trata apenas de soluções paliativas (e cuja implantação se encontra, aliás, sujeita a estudos de resistência dos diversos pisos do nosso edifício) e que, em menos de uma

década, não haverá mais solução para este problema. A menos, claro, que a UC invista na construção ou na reabilitação de espaços fora do Polo 1, o que permitirá a transferência para esses locais de uma parte do nosso arquivo menos requisitado (designadamente, coleções de revistas e jornais, ou dissertações estrangeiras nunca requisitadas). Esperamos que, a breve trecho, haja boas notícias nesta matéria, crucial para podermos encarar com otimismo o futuro de uma instituição centenária, que é uma referência a nível nacional e internacional e que deve ao conhecimento e à cultura o melhor da sua história.

A este respeito devo notar que, além da receção do Depósito Legal, a Biblioteca enriquece os seus fundos documentais através de ofertas e doações, ou de compras criteriosamente escolhidas (veja-se, por exemplo, a aquisição, em 2019, de um conjunto de cartas do epistolário de Carolina Michaelis e Joaquim de Vasconcelos), isto para além da permuta internacional de publicações (área pela qual é responsável a Sra. Dra. Iuliana Filimon Barros Gonçalves). Esta permuta de publicações realiza-se com dezenas de instituições académicas de todo o mundo, recebendo a BGUC regularmente, para além de um número significativo de monografias, mais de 35 títulos de publicações periódicas. É possível, deste modo, contribuir para o enriquecimento do fundo documental da Biblioteca com publicações estrangeiras, num contexto em que os constrangimentos financeiros limitam a compra de livros, ou as assinaturas de revistas académicas muitas vezes dispendiosas. Sublinho que, durante a crise dos últimos anos, a BGUC deixou de assinar qualquer publicação periódica estrangeira, sendo a permuta internacional o único meio de obtenção deste tipo de material bibliográfico. Por outro lado, ao enviar em troca o nosso *Boletim*, bem como outras publicações editadas pela Imprensa da Universidade, a BGUC contribui para a divulgação desses trabalhos junto de instituições académicas estrangeiras.

Quero também deixar claro que, tal como disse logo na minha tomada de posse, embora eu seja uma pessoa que fez toda a sua

carreira trabalhando sobre o mundo antigo e medieval, acredito profundamente em duas coisas: primeiro, que a convivência entre o analógico e o digital é possível; segundo, que é desejável, porque estes dois tipos de recursos não só não se anulam como – devidamente geridos – se completam e fecundam mutuamente. A BGUC tem de saber evoluir e dar resposta a esses dois tipos de solicitações, e por isso vejo com tanto entusiasmo, quer os progressos que podemos fazer no sentido da preservação e divulgação responsável do Livro Antigo, quer os desafios cruciais que se colocam ao SIBUC (Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra), que se encontra alojado (até por motivos históricos e práticos) na BGUC e de que sou, por inerência, o Diretor. Aliás, em matéria de informática comum e de informática local, que permite conhecer muito melhor os leitores e os seus hábitos, assim como no domínio dos interfaces de comunicação com o grande público, a BGUC tem ainda um longo caminho a percorrer. Conto com a pequeníssima mas muito competente e voluntariosa equipa do SIBUC, carinhosamente coordenada pela Sra. Dra. Ana Maria Eva Miguéis, para que essa caminhada seja cada vez mais bem-sucedida, em benefício da BGUC e da dezena e meia de bibliotecas que existem na Universidade de Coimbra. Neste domínio, programas de trabalho como a valorização do *Alma Mater* (a bela Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra, a que se refere o artigo da Dra. Ana Miguéis neste mesmo *Boletim*), o reforço da articulação entre a BGUC e as restantes bibliotecas da UC e a otimização dos recursos proporcionados pelo sistema informático Millennium configurarão algumas das prioridades durante os próximos anos.

O ano de 2020 será também o do lançamento de alguns ‘projetos especiais’ a que a BGUC se associa de perto. Enunciarei e caracterizarei brevemente apenas três desses projetos. Em primeiro lugar, a fundação da APECER-UC (Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões), que ficará sediada na BGUC e que, como se explica logo no

artigo 1.º do seu Regulamento, configura «uma estrutura de carácter temporário, [que] está organicamente dependente da Reitoria da UC e [que] tem por missão desenvolver na UC o conhecimento da história das diferentes culturas e tradições religiosas mundiais, numa perspectiva não confessional e vocacionada para o estímulo do diálogo intercultural e inter-religioso». A verdade é que a Universidade de Coimbra já conta hoje no seu seio com mais de 20% de estudantes não portugueses, oriundos de mais de 100 países diferentes! Torna-se necessário aproveitar a riqueza que advém desse capital humano e, ao mesmo tempo, criar condições para um acolhimento harmonioso desses jovens, numa perspectiva não apenas material, ou técnica, mas também humana e emocional. Agradeço ao Magnífico Reitor da UC e ao Vice-Reitor para a Cultura e a Ciência Aberta o apoio incansável concedido a este projeto, de que será Presidente Honorário o Doutor Anselmo Borges e que incluirá colegas de diversas faculdades da UC, assim como elementos externos, nacionais e estrangeiros, expressamente convidados para o efeito. Coimbra retoma, deste modo, o seu lugar de encontro de povos e de civilizações e, numa perspectiva moderna e profundamente humanista, será – também neste particular – um exemplo pioneiro entre todas as universidades públicas portuguesas. No momento em que o meu leitor segue estas linhas, já se terão realizado as primeiras iniciativas da APECER-UC, nomeadamente cursos livres não conferentes de grau, tertúlias, visionamento de documentários, entre outros.

Um segundo projeto que gostaria de destacar tem que ver com uma iniciativa que apelidámos de «Flor-de-lótus». Como é sabido, esta planta (um símbolo de pureza e de sabedoria em muitas culturas, nomeadamente orientais) desabrocha a partir de um caule enterrado na lama profunda mas que depois se eleva acima do lodo e permite que a respetiva flor se abra ao sol, linda e perfumada, em tons de branco, vermelho, azul, branco, rosa ou roxo. Ora, a nossa política de promoção do livro e da leitura entre os jovens – articulada com a Rede

de Bibliotecas Escolares (via Dra. Helena Duque) e com os programas «Ler + Ciência» e «Ler + no Superior» (através da preciosa colaboração da Senhora Doutora Cristina Robalo Cordeiro) – visa precisamente contribuir para a abertura ao conhecimento e à cultura, num sentido amplo e em que a literatura se cruze e entrelace com outras áreas, como a música e o cinema. Sobre a importância e o encanto dos livros e a sua influência multifacetada nas nossas vidas, encontra o leitor neste volume do *Boletim* um belo texto do Professor Doutor João Maria André, um autêntico poema em prosa acerca desses companheiros que guardamos com desvelo nas estantes das nossas casas e das nossas bibliotecas.

Por tudo isto, em cada ano letivo, o Flor-de-lótus desafiará a comunidade académica a participar num festival cultural com a duração de vários dias, que terá lugar na primavera ou no final do verão e que será depois completado com outras ações mais pontuais que decorrerão ao longo do ano letivo. Entre estas atividades destacam-se algumas que terão como objetivo promover a educação ambiental e proporcionar o encontro com especialistas nacionais e internacionais na área da proteção do ambiente, que é como quem diz, na área da salvação do futuro do nosso planeta.

Em terceiro lugar, queremos (muito) estimular os estudos sobre a Universidade de Coimbra e a Biblioteca Joanina, bem na linha da lúcida política desenvolvida pelo meu antecessor, Doutor José Cardoso Bernardes. Nesse sentido, sob a orientação competente e amiga do Doutor Fernando Taveira da Fonseca, reputado especialista nesta área e antigo docente da FLUC, tencionamos estimular e até patrocinar estudos sobre diversas valências da história daquela que foi, até à implantação da República, a única universidade plena em Portugal. Nisto se incluem trabalhos sobre a construção da Joanina, sobre o respetivo financiamento, sobre as vivências académicas, ou sobre a origem e o perfil dos nossos estudantes ao longo dos séculos, entre outros. Ao mesmo tempo, queremos retomar os programas pontuais

de visita guiada aos nossos espaços, abertos a toda a comunidade (académica e não só).

Gostaria ainda de referir um outro aspeto a que sou particularmente sensível. Em resposta a uma solicitação da Senhora Vice-Reitora, Senhora Doutora Cristina Pinto Albuquerque, a BGUC tem agora, em espaço adjacente à sua Sala de Leitura, uma zona de apoio a invisuais, assim como uma série de equipamentos que permitem uma integração harmoniosa destes estudantes na nossa universidade (neste momento, já há cerca de 100, referenciados pelos serviços académicos). Orgulhamo-nos desta intervenção, que só foi possível graças à preocupação da Reitoria com estas matérias e à generosa colaboração da Fundação Altice, que financia parcialmente esta medida. Também neste domínio o futuro mostrará os benefícios de uma colaboração estreita entre o Arquivo da Universidade de Coimbra e a BGUC, instituições vizinhas, amigas e unidas por um sem-número de bons motivos.

A partir de 2021, o *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* iniciará uma nova caminhada: passará a dispor de um conselho editorial alargado, utilizará o sistema de «blind referee» de todos os textos que lhe forem propostos para publicação e, com passos curtos mas seguros, procurará a inserção nos indexadores de referência a nível internacional. Trata-se de uma evolução inevitável, que mobilizará muito do nosso esforço e atenção, mas que permitirá que o *Boletim* se mantenha na 'primeira divisão' das revistas da sua especialidade. Na hora de anunciar este salto, quero também dizer que o *Boletim* passará a ser dirigido pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral, cuja vasta cultura e sabedoria nas matérias que têm que ver com o Livro Antigo e com o espólio da Biblioteca Geral (e não só) é (re)conhecida por todos. A seu lado figurará, como Diretora-Adjunta, a Sra. Dra. Iuliana Filimon Barros Gonçalves, a quem todos devemos a existência e a qualidade desta revista ao longo dos últimos (largos) anos. Agradeço ainda, reconhecido, à Sra. Dra. Jaquelina Isabel Silva das Neves

o imprescindível apoio de Secretariado que permitirá decerto que o nosso *Boletim* enfrente com sucesso o novo desafio a que se propõe.

Termino com um apelo: o de que seja possível recuperar ao longo de 2020-2021 uma parte significativa das obras que foram levantadas nas bibliotecas da Universidade de Coimbra nos últimos anos e que nunca foram devolvidas, em claro prejuízo do nosso património bibliográfico e, claro, do nosso serviço público. E não se trata apenas de livros requisitados – ao abrigo do serviço de empréstimo domiciliário – por estudantes, por alunos ERASMUS ou por outros alunos internacionais. Há também muitas obras que os docentes da UC ainda não devolveram. Peço encarecidamente a todos que façam um esforço para recuperar e devolver esses livros; a BGUC prestará todo o apoio que for solicitado nesse sentido, incluindo listagens de obras que ficaram esquecidas, nas prateleiras das nossas bibliotecas particulares, mas que efetivamente constituem um bem público que não podemos dar como perdido. Obrigado.

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades / Muda-se o ser, muda-se a confiança; / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades».